

A PRESENÇA FEMININA NA MÚSICA DAS VERTENTES: TRADIÇÃO E RENOVAÇÃO CULTURAL

Aracelly Galvino Alvarenga (Bolsista de Iniciação Científica-PIBIC/CNPq/UFSJ/LAPIP)

Marcos Vieira Silva (Orientador- Prof. Dr. UFSJ/LAPIP)

Marília Novais da Mata Machado (Co-orientadora- Prof. Dra. e bolsista Sênior em pesquisa PVNS/CAPES/UFSJ/LAPIP)

Sara Santos Caetano (Bolsista de Iniciação Científica- UFSJ/LAPIP)

Resumo: A pesquisa intitulada “A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João del-Rei e região: tradição e transformação no contexto histórico e sócio-cultural”, vem se desenvolvendo desde 2004 no Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP) da UFSJ, que atua junto a grupos comunitários e institucionais na região do Campo das Vertentes, Minas Gerais. Mais do que em outras regiões do estado, em São João del-Rei, a música e suas corporações são presença marcante na vida de jovens e adultos. O presente trabalho, que se encontra em andamento, é um desdobramento da pesquisa intitulada acima, e busca aprofundar algumas perspectivas referentes a questões de gênero e à participação feminina no meio musical, contando com material significativo para análise. Tal participação se faz presente lentamente nas corporações musicais na região dos Campos das Vertentes. Embora ainda um tanto limitada, trata-se de uma tradição que vem sendo alterada ao longo dos anos. Tem-se procurado, sobretudo, articular as temáticas identidade feminina e participação das mulheres no fazer musical, com a tradição musical da região das Vertentes, embasados em autores da Psicologia Social como Antônio Ciampa e Marcos Vieira-Silva. Simone de Beauvoir e Sandra Azerêdo são referências sobre as questões de gênero. Na fase atual tem-se investigado sobre as diferenças de gênero e como elas se manifestam no cotidiano das corporações musicais, expressando as múltiplas influências da sociedade e da cultura. Foi realizado um foco na investigação do processo de evasão que historicamente ocorria entre as musicistas das gerações passadas. Por volta dos 15 aos 18 anos era comum que as jovens se retirassem da vida musical para se dedicar ao casamento e à criação dos filhos. Recentemente esta tradição vem sendo modificada. Temos registrado a permanência de mulheres no desenvolvimento do fazer musical, bem como seu ingresso no Curso de Música da UFSJ. Para a abordagem desse processo, realizou-se entrevistas com mulheres de diversas faixas etárias que atuam em diferentes bandas e orquestras, a fim de se conhecer a realidade feminina em tais corporações musicais, a partir do relato das mulheres que viveram tal tradição e das mulheres que hoje fazem opções pelo fazer musical. Em termos de estratégias de coleta de dados, são utilizados, ainda, registros em vídeo, fotografias e observações por

meio da leitura e articulação com bibliografia específica. Vem sendo realizada uma análise crítica do material coletado, de acordo com os pressupostos da pesquisa participante e da pesquisa-intervenção psicossocial.

Palavras-chave: Música; Gênero; Tradição.

1- INTRODUÇÃO

O presente trabalho, que se encontra em andamento, é um desdobramento da pesquisa intitulada “A música e suas articulações identitárias nas corporações musicais de São João del-Rei e região: tradição e transformação no contexto histórico e sócio-cultural”, que vem se desenvolvendo desde 2004 no Laboratório de Pesquisa e Intervenção Psicossocial (LAPIP) da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), na região do Campo das Vertentes, Minas Gerais. Este projeto atua junto a grupos comunitários e institucionais na região do Campo das Vertentes, sendo enfocadas a música e suas corporações e a participação feminina. A música e suas corporações são presença marcante na vida de jovens e adultos, em São João del-Rei, mais do que em outras regiões do estado. Considerando essa perspectiva, procuramos dar atenção à manutenção da tradição, às transformações que vêm ocorrendo no contexto histórico e sócio-cultural e aos fenômenos afetivos subjacentes ao trabalho dos grupos, fundamentais para o pleno desenvolvimento de suas atividades cotidianas e para o desempenho de suas tarefas.

Na fase atual da pesquisa foi realizado um foco sobre as questões de gênero e tem-se investigado principalmente questões relativas a diferenças de gênero, tendo o fazer musical como pano de fundo. Segundo Christófaros (2003) o desenvolvimento da musicalidade em São João del-Rei se deu a partir da vida religiosa da região, em função da música sacra e dos eventos religiosos, o que ocasionava exclusividade masculina no fazer musical, devido à proibição de mulheres estarem à frente dos rituais litúrgicos nos séculos XVIII e XIX. Em outras fases da pesquisa privilegiou-se o acesso das mulheres às corporações musicais são-joanenses (COELHO e VIEIRA-SILVA, 2010) e vemos hoje que a participação feminina na região das Vertentes se apresenta como uma tradição que vem sendo alterada ao longo dos anos. E embora este acesso ainda se mostre um tanto quanto limitado, lentamente se faz presente tanto nas Orquestras centenárias, quanto nas Bandas da região, uma vez que é possível identificar as dificuldades no acesso, bem como em toda sua trajetória, superando limites impostos pela própria sociedade e, também, tantos preconceitos em relação a sua

capacidade enquanto mulher e musicista (COELHO e VIEIRA-SILVA, 2011).

Temos usado o referencial teórico da Psicologia Social, como as produções de Antônio Ciampa (1987) e Marcos Vieira-Silva (2000) para embasar nossa análise que busca articular as temáticas de identidade feminina e participação das mulheres no fazer musical com a tradição musical da região das Vertentes, tendo o apoio de autoras como Simone de Beauvoir (1980) e Sandra Azerêdo (1999; 2007) sobre as questões de gênero, como as determinações que atuam sobre as mulheres e acessibilidade delas ao fazer musical. Temos pesquisado, também, como tais diferenças se manifestam no cotidiano das corporações musicais, expressando as múltiplas influências da sociedade e da cultura. Um ponto de destaque nesta etapa de investigação se refere a uma intensa saída de mulheres das corporações em determinadas épocas de suas vidas, principalmente na juventude.

Estas são questões que este trabalho visa apresentar no intuito de problematizar o campo controverso em que se inserem as relações de gênero, pretendendo-se uma possibilidade de conhecer e desvelar suas implicações, que muitas vezes são diluídas no contexto social ou mesmo camufladas.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Breve revisão histórica

São João del-Rei tem orgulho de ser conhecida como a “Terra da Música” e “Terra onde os sinos falam”. Data de 1717 a primeira referência de uma Orquestra na cidade, em uma homenagem feita ao governador da Capitania de Minas Gerais, Dom Soares de Almeida e Portugal, o Conde de Assumar, realizada pelo o maestro Antônio do Carmo na igreja matriz da então vila, no alto do Bonfim. O desenvolvimento musical a partir de então acompanhou o crescimento da vila e das irmandades religiosas, estando à história musical são-joanense completamente enraizada na tradição religiosa local. Tanto que as duas corporações mais tradicionais da região, a Orquestra Lira Sanjoanense e a Orquestra Ribeiro Bastos, ambas com mais de 200 anos de fundação, correspondem a corporações sacras.

Pouco podemos falar da participação das mulheres quando voltamos na história e falamos da música setecentista e de como esta era realizada na região das Vertentes, visto que a sociedade brasileira dos séculos XVII ao XIX exercia forte repressão sobre o sexo feminino, pois este era visto como o sexo frágil, e sendo o homem superior, esse deveria exercer sua autoridade sobre as mulheres. (ARAÚJO, 1997). Além disso, a Igreja Católica, a partir de seu

discurso moral sobre o corpo feminino e o pecado, restringia a participação feminina em cultos religiosos, assim historicamente estas mulheres foram proibidas de subir ao altar durante as celebrações (ABUD, 2009). Devido a esta proibição, até mesmo as vozes femininas do coro eram cantadas por meninos e homens em falsete (CHRISTÓFARO, 2003).

Dentro deste contexto a mulher aparece apenas como dependente do marido, nunca como praticante, em público, de música, apenas as mulheres de classes mais altas aprendiam rudimentos de música, com objetivo de agradar aos maridos, educar seus filhos e participar de pequenas reuniões domésticas (COELHO e VIEIRA-SILVA, 2010). Com o desenvolvimento das cidades por todo o país, a situação da mulher passa por uma modificação histórica passando ela a ser vista como responsável por manter a imagem do marido e também da família, sendo que o ensino musical fazia parte da boa educação feminina. O piano era um instrumento muito utilizado por elas para animar as festas e saraus que aconteciam em suas próprias casas (D'INCAO, 1997) representando uma forma de ainda manter esta mulher sobre os olhares do pai ou do marido. Na cidade de São João del-Rei esta forma de participação musical velada se traduziu pelos colégios particulares exclusivos para moças que compunham o quadro de formação com o ensino musical. Esta formação compunha os atributos de uma “boa esposa” (COELHO e VIEIRA-SILVA, 2010).

A participação pública feminina no meio musical se fez presente em São João del-Rei apenas a partir século XIX e início do século XX. Esta participação abriu espaço para outras atuações, não se restringindo à música sacra, como a Orquestra do Teatro Municipal de São João del-Rei, que em 1910 contava com três pianistas (mulheres), atuando junto a onze homens. A partir da década de 50, solistas de destaques como Mercês Bini Couto (piano) e Jupira Raposo (canto) e várias mulheres compunham os coros das corporações; já nos anos 60 e 70, as operetas realizadas pela Sociedade dos Concertos Sinfônicos, contavam com expressiva participação feminina (COELHO e VIEIRA-SILVA, 2011). Algumas dessas mulheres encontraram abertura para realização profissional, às vezes como professoras de música, outras mesmo como concertistas (COSTA & PÁSCOA, 1997).

2.2 Música e Articulações Identitárias: Identidade, Afetividade, Poder

A identidade grupal é diversa da soma das identidades dos membros de um determinado grupo, ela é mais que o todo, é uma produção coletiva, construída paralelamente ao

desenvolvimento de um sentido e de um sentimento de “pertença” ao grupo. Dessa forma se aproxima da trajetória do grupo em torno de suas atividades, objetivos, história coletiva, mais do que com uma “nomeação” que tenha sido proposta para o grupo. (VIEIRA-SILVA, 2000). É preciso que esta totalidade, produzida pelo grupo, seja capaz de diferenciá-lo dos demais grupos, mas não quer dizer que esta identidade coletiva produzida seja refletida igualmente em cada membro (MARTIN-BARÓ, 1989) o que nos possibilita falar de identidades individuais dentro do grupo. A identidade é uma construção histórica contínua, que se realiza na atividade social e é reafirmada pelo reconhecimento social (CIAMPA, 1987). Neste sentido Beauvoir (1980) vai ao encontro desta perspectiva ao nos dizer que a mulher não se define por sua função biológica, “*não se nasce mulher, torna-se*”. Deste modo, o fazer musical se coloca como uma das múltiplas facetas que influenciam a constituição da identidade feminina, considerando o sujeito como histórico-social, sendo desta forma constituído e constituinte do contexto social.

A música tem a capacidade de transformar o que é singular em coletivo, fazendo com que os processos sociais, seus valores e significações se realizem. Assim o processo da criatividade do músico, como um produto histórico-social, está sempre inserido no tempo/espaço, em condições objetivas do contexto, mas sempre mediado por um processo intersubjetivo. Fica patente a capacidade da música de se tornar uma atividade coletiva, ou seja, toda obra individual e singular é domínio da atividade de *todos* os homens, (MAHEIRIE, 2003). Por meio de sua função mediadora entre objetivo e subjetivo ela é capaz de contribuir para a construção das identidades, tanto individuais quanto coletivas, tornando-se uma linguagem reflexivo-afetiva permitindo aos sujeitos a construção de uma diversidade de sentidos singulares e coletivos a partir do significado que carrega e de sua relação com o contexto social no qual está inserida.

Assim como a identidade grupal, o poder também não é percebido como um objeto, com qualidades mensuráveis objetivamente e sim como uma característica das relações sociais que emerge pelas diferenças existentes entre os recursos dos membros de um grupo, de diferentes grupos ou mesmo populações inteiras. Aliás, não depende da identidade e sim contribui para sua construção. Trata-se de um dos parâmetros fundamentais para a compreensão psicossocial dos grupos, diferenciando-os quanto à sua influência e capacidade de obter vantagens, na relação com outros grupos, de alcançar seus objetivos. O uso, os tipos e as fontes deste poder determinam em boa parte o que o grupo é e o que pode fazer, havendo uma tendência ao fechamento em si mesmo, quando carece desses recursos. Tal fechamento leva a uma

dinâmica quase puramente intragrupal, levando à produção de uma identidade “pobre” e sem ânimo para o relacionamento social mais intenso. Isto leva a divisões e subgrupos que por sua vez enfraquecem cada vez mais a identidade coletiva, num ciclo vicioso (MARTÍN-BARÓ, 1989). O processo de consciência dos grupos caminha com idas e vindas, como uma espiral em um cone invertido, utilizando uma metáfora da Escola de Pichon-Rivière. (VIEIRA-SILVA, 2000).

3 – MÉTODO

A presente pesquisa tem usado, como fundamentos metodológicos, os pressupostos da pesquisa-ação, da pesquisa participante e da pesquisa-intervenção psicossocial, buscando a vinculação entre pesquisa e intervenção e a permanente participação da população investigada no processo da investigação.

A fim de abarcarmos esse processo, foram realizadas observações nas corporações musicais, gravações em vídeo, fotografias e entrevistas semi-estruturadas com mulheres de diversas faixas etárias que atuam em diferentes bandas e orquestras, e em diferentes posições nas mesmas. Tais entrevistas tinham o intuito de se conhecer a realidade feminina em tais corporações musicais, a partir do relato das mulheres que viveram tal tradição e das mulheres que hoje fazem opções pelo fazer musical. Conjuntamente com a parte prática vem sendo realizada leitura de bibliografia específica e de documentos históricos sobre os grupos, bandas, orquestras e corporações musicais, buscando fazer uma análise crítica do material coletado, tentando associá-los às características encontradas nos grupos e bandas da região estudada;

A fase de investigação da pesquisa tornou-se maior do que o esperado, estendendo-se por um tempo maior devido à riqueza dos dados. Neste sentido os resultados aqui apresentados são parciais, tendo sua complementação prevista para etapa posterior.

4 - RESULTADOS

O que percebemos atualmente é que a grande maioria das corporações da região é composta por homens e mulheres, ocupando as mais diversas posições dentro das mesmas. Essas mulheres, nas orquestras, ainda se fazem mais presente no coro ou como instrumentistas, tocando instrumentos mais leves como violinos e flautas. E mesmo a região

contando com uma maestrina e uma contrabaixista, estas podem ser consideradas exceções e não regras (COELHO e VIEIRA-SILVA, 2010).

Nas bandas, embora apresentem um caráter mais masculino por possuírem uma estrutura diferenciada e devido à força dos metais e dos instrumentos de percussão, principalmente nas bandas mais jovens, a participação das mulheres não se concentra em apenas uma esfera da corporação, estas se espalham por diversos instrumentos inclusive naqueles mais pesados e considerados masculinos (COELHO e VIEIRA-SILVA, 2010). Exemplo disto é o fato de haver uma mulher que toca tuba, instrumento considerado masculino pelo seu porte, na Banda Salesiana Meninos do Dom Bosco.

Esse acesso das mulheres às corporações musicais pode ser considerado um grande passo na conquista por um lugar de destaque na sociedade são-joanense, levando em consideração que apenas no século XX as mulheres conquistaram esse papel, refletindo a lenta mudança sócio-cultural que envolve as questões de gênero. Ainda assim é muito forte o assinalamento de lugares dados às mulheres nas corporações, principalmente nas orquestras, mostrando a força da tradição, com instrumentos tipicamente femininos (COELHO, VIEIRA-SILVA e MACHADO, 2010).

Tais apontamentos nos levam a perceber como estão sendo construídas às relações de gênero nessas corporações, dentro das quais podemos observar como o poder, cujo produto central é a dominação social, se mostra nas relações de imposição de um sujeito para com o outro (MARTÍN-BARÓ, 1989). Segundo Scott (2008, p. 02) “o gênero é uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado”, evidenciando assim a característica de dominação social presente nas relações de poder da sociedade, refletida nas relações de gênero.

As relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres no século XVIII e XIX se refletiam também nas corporações musicais de São João del-Rei e também na prática musical que se apresentava quase exclusiva da população masculina. Para as poucas mulheres da mesma época que se dedicavam à música, esta atendia a uma função básica de formar uma mulher destinada ao matrimônio e à procriação, servil ao marido e à Igreja (CHRISTÓFARO, 2003).

Ainda hoje podemos observar a supremacia masculina em diversas esferas sociais quando abordamos as questões de gênero. A mulher tem sido mostrada na história como subordinada ao homem como que por um direito natural atrelado ao caráter biológico, que

não define, mas acaba determinando as diferenças de gênero. A situação assim colocada serve à dominação ocultando e camuflando tais questões, se interpondo assim à possibilidade de mudança (BEAUVOIR, 1980).

Com o contato com o cotidiano das corporações e com as musicistas foi observada uma intensa saída de mulheres das corporações em determinadas épocas de suas vidas, principalmente na juventude. As entrevistas foram realizadas a fim de possibilitar perceber como a música está presente no projeto de vida dessas musicistas. Em investigações anteriores, em entrevistas com algumas musicistas mais velhas, percebemos que muitas retornaram à atividade musical mais tarde, voltando também a participar das corporações, assim como do próprio fazer musical. Tais musicistas evadiram-se das corporações na juventude em virtude do casamento. Aquelas que não se casaram se dividiram entre o trabalho fora de casa e a atividade musical (COELHO e VIEIRA-SILVA, 2012). Nas entrevistas com adolescentes entre 15 e 23 anos buscamos compreender que fatores influenciam essa saída e se nos contextos atuais esse movimento se repete.

O que percebemos é que hoje as musicistas dessas corporações já não sofrem as imposições culturais de outrora (COELHO, VIEIRA-SILVA e MACHADO, 2010) o que possibilita uma maior diversidade de papéis sociais que a mulher pode assumir. Ser mulher e musicista é uma realidade que vem se tornando cada vez mais possível e hoje fica evidenciada na diversidade encontrada nos relatos dessas jovens. Hoje a possibilidade de se dedicar à música como atividade secundária convive com o desejo de ser musicista profissional, de viver da música. Evidenciando a modificação que vem ocorrendo nessa tradição, temos registrado o retorno e a permanência de mulheres no desenvolvimento do fazer musical, bem como seu ingresso no Curso de Música da UFSJ.

5 – DISCUSSÃO

Azerêdo (1999) chama nossa atenção para o fato da situação atual da nossa sociedade ainda se apresentar conforme a que Beauvoir analisou há mais de 60 anos atrás. Ainda hoje o fato de ser homem é bem visto por si só, está em seu direito de ser homem, é a mulher que está errada em ser mulher. “Tornar-se mulher num mundo definido por e para os homens necessariamente tem implicado em restrição da singularidade – inclusive das mulheres “independentes”, como mostra Beauvoir” (p. 125-126). E apesar de todas as conquistas e

modificações ocorridas, ressalta que estamos no meio do caminho para que cheguemos à possibilidade de um futuro em que a singularidade da mulher não seja suprimida e que possa haver “diferenças na igualdade”. Beauvoir (1980) nos diz que essa dificuldade no caminhar das questões de diferenças de gênero se deve ao fato da mulher ser recém-chegada ao mundo dos homens, e mal alojada nele, ainda está ocupada em se achar, se encontrar.

Desta forma as discussões proporcionadas nesta pesquisa sobre a posição da musicista na sociedade e nas corporações musicais de São João del-Rei são importantes para evidenciar e analisar as influências sociais e culturais na construção das diferenças de gênero, muitas vezes diluídas e mascaradas. Contribuem, assim, para a formação de um profissional de Psicologia com visão crítica que possibilite reflexões sobre a não reprodução dessas relações de dominação e seja capaz de facilitar a transformação das condições adversas enfrentadas no cotidiano.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Cristiane de Castro Ramos. *Participação feminina na igreja católica: um grupo pela fé*. Temporalidades – Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 1, n.º 2, 2009.

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina no Brasil colônia. IN: DEL PRIORE, M. (Org.) *Historia das mulheres no Brasil*. Sao Paulo: Contexto, 1997.

AZERÊDO, S. 1999

AZERÊDO, S. *Preconceito contra a “mulher”*: Diferença, poemas e corpos. São Paulo: Cortez, 2007.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. “8”. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

CHRISTÓFARO, A.C. Sons e movimentos- A mulher e a educação musical em São João del-Rei no século XIX. “Seminário – Direito e cidadania interface científicas sob o olhar da educação”. Org. Mata S. F., Rocha, M. M. S., Farias, I. R. São João del-Rei. UFSJ p. 43 – 52. 2003.

CIAMPA, Antônio da Costa. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

COELHO, M.P.; VIEIRA-SILVA, M.; MACHADO, M.N.M. Sempre tivemos mulheres nos cantos e nas cordas. IN: X Encontro Clio-Psychê, 2010, Rio de Janeiro. *Anais IX Encontro Clio-Psychê: Gênero, Psicologia, História*. Rio de Janeiro : Programa de estudos e pesquisas em História da Psicoogia - Clio-Psychê, 2010. v. 1. p. 94-95.

COELHO, M. P.; VIEIRA- SILVA, M. As Transformações nas Corporações Musicais de São João Del Rei e Região: Desde a identidade de seus componentes às diferenças de gênero. IN: “IX Encontro de Produção Cinetífica – UFSJ, 2010, São João del Rei”: SIC, 2010.

COELHO, M.P.; VIEIRA-SILVA, M. As Transformações nas Corporações Musicais de São João del-Rei e Região: A participação feminina junto à música profana no século “XX. IN: X Encontro de Produção Cinetífica – UFSJ, 2012, São João del Rei”: SIC, 2012.

COSTA, D.D.S; PÁSCOA, M.L.F.R. *Patrimônio musical do norte do Brasil mulheres musicistas na época da Borracha (1850-1910)*. Amazonas, 1997.

D’INCAO, M.A. A mulher e a família burguesa. IN: DEL PRIORE, M. (Org.) *Historia das mulheres no Brasil*. Sao Paulo: Contexto, 1997 pág 233-240

GUERRA, A. *Pequena História de Teatro, Circo, Música e Variedades em São João del Rei 1717 a 1967*. Juiz de Fora: Sociedade Propagadora Esdeva- Lar Católico, 1968.

MAHEIRIE, K. Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. “Psicologia em Estudo”, Maringá, v. 8, n. 2, p. 147-153, 2003.

MARTÍN- BARÓ, I. *Sistema, grupo y poder*. San Salvador: UCA Editores, 1989.

VIEIRA-SILVA, M. “Processo grupal, afetividade, identidade e poder em trabalhos comunitários: paradoxos e articulações”. Tese (Doutorado em Psicologia Social)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

SCOTT, J. *Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica*. Princeton, 2008. Disponível em : http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html. Acesso: 20 de jan 2010.